

Resposta a Intervenção Simples em Naípe

por Álvaro Chaves Rosa

1. Introdução.

Sobre abertura adversária em naípe, o nosso parceiro faz uma intervenção natural em naípe, sem salto. A situação é vulgaríssima - o que não significa que seja *simples*.

Todos sabemos que o leilão competitivo é menos preciso do que o leilão construtivo, sendo por isso mesmo mais frequente culminar em marcações imperfeitas, quando não mesmo desastrosas. Em grande parte, esses desastres resultam de erros de avaliação, mais do que de insuficiências de sistema. Mas também é verdade que mesmo os pares mais experientes, de um modo geral, dedicam mais tempo à preparação e discussão do sistema no que se refere ao leilão a dois, do que às batalhas competitivas.

Um bom sistema de leilão competitivo deve, a par de uma característica essencial que é a agressividade - em maior ou menor grau -, ter a possibilidade de munir a parceria dos elementos de avaliação que permitam minimizar o cometimento de erros.

Uma parte do material apresentado no presente artigo não traz nada de verdadeiramente novo, tratando-se essencialmente de uma revisão de esquemas básicos de resposta. Mesmo assim, estou certo de que poderá ser de utilidade não só aos jogadores menos experientes, mas mesmo aos outros, pois poderá no mínimo ajudar a arrumar as ideias e até mesmo lançar luz sobre zonas mais obscuras ou desfazer alguns equívocos.

É importante conhecer os hábitos de intervenção do nosso parceiro. É normal assumir, salvo combinação em contrário, que uma intervenção em naípe sem salto tem uma amplitude de cerca de 8 a 17H quando ao nível 1, com o mínimo a subir para cerca de 10H quando ao nível 2. Quanto mais próximo do mínimo, mais garantia de tratar-se de um bom naípe. Bons jogadores intervêm ocasionalmente com 4 cartas ao nível 1, com um bom naípe e sem melhor alternativa; se essa hipótese existe, há que considerá-la, e não assumir automaticamente a promessa de 5 cartas. E todos nós, digam os livros o que disserem, já fizemos certamente intervenções ao nível 2 com apenas 5 cartas, embora o mínimo *desejável* seja de 6 cartas.

2. O parceiro do abridor passa.

Nesta era de dobres competitivos, o passe do parceiro do abridor pode ser "de emboscada", com uma mão que teria dobrado se o dobre fosse punitivo. (Aliás a situação requer alerta por parte do abridor). Esta é, por si só, uma situação propícia a acidentes. Em primeiro lugar, importa desfazer um equívoco frequente: é que, ao contrário do que muitos jogadores supõem, o facto de aquele passe poder "conter" um dobre punitivo *não obriga o abridor a falar*, e muito menos a dobrar. Poder-se-á dizer

que é um passe *quase forcing*, ou mesmo que o abridor é "obrigado" a falar *se estiver curto no naipe da intervenção*. Mas sempre que o abridor diagnosticar, por um certo comprimento nesse naipe, que o parceiro *não deve ter* a mão de dobre punitivo, pode e muitas vezes *deve* optar por passar.

Também por parte do parceiro do interveniente é frequente haver um certo equívoco relativamente a esta situação. Dois erros comuns, a evitar:

- ❑ *Ficar indevidamente intimidado pela ameaça do dobre punitivo*. "Pode ter" não significa "tem que ter".
- ❑ *Fiar-se excessivamente em que o abridor vai reabrir o leilão*. A não ser que os adversários digam claramente que o referido passe é *forcing* (há quem jogue assim, estratégia que não recomendo – Delmouly/Kerlero, no 2º volume do seu "*Défense et Contre-Ataque*", classificam-na de *kamikaze*), deve assumir-se que o abridor *pode passar*.

Vamos começar por analisar um esquema mais ou menos clássico de respostas, para posteriormente vermos de relance algumas tendências "modernistas".

2.1. Respostas clássicas.

O apoio simples é mais ou menos equivalente ao apoio simples de uma abertura em naipe (embora a intervenção possa ter menos do que uma abertura).

Uma tendência que hoje em dia já se pode considerar "clássica" em todas as situações de leilão competitivo é a de as vozes *naturais* de apoio *com salto* serem *fracas*, dadas com mãos distribucionais e com intenção de *barragem*. (E isto qualquer que seja a vulnerabilidade, apesar de muitas vezes se ouvir que "não há barragens vulneráveis").

As mãos com fit e fortes demais para uma barragem (ou um apoio simples) têm que ser anunciadas de outra maneira, como seja por meio do *cue-bid* no naipe do abridor. Simplesmente, como veremos abaixo, esta voz não pode ficar reservada às mãos fitadas, já que algumas mãos fortes sem fit podem também ter que passar pelo *cue-bid* para preparar a sua descrição.

Em todo o caso, pode assumir-se que o *cue-bid* mostra uma mão fitada com força pelo menos de convite a partida, *ou* uma mão mais forte, podendo nesse caso não estar fitada.

Há outras vozes que podem ser utilizadas para mostrar certos tipos de mãos fitadas. Uma dessas vozes é o *cue-bid com salto* (quando a intervenção é ao nível 1, por exemplo (1♣)-1♥-(P)-3♣). Pode, por exemplo, usar-se esta voz para mostrar um apoio com 4 ou mais trunfos (e força de convite ou mais), ficando assim o *cue-bid* simples limitado a 3 cartas de apoio. (Esta distinção é sempre útil, mas tanto mais se tivermos em conta a já referida hipótese de intervir com apenas 4 cartas).

As vozes de mudança de cor com *duplo salto* são normalmente usadas como *splinters*, mostrando um singleton ou chicana no naipe do salto e um apoio com força de partida e 4 ou mais trunfos.

As vozes em sem trunfo (até ao nível de partida) são *naturais*, normalmente com menos de 3 cartas no naipe da intervenção. Em resposta a uma intervenção ao nível 1, que não promete força de abertura, as zonas de força têm que ser ajustadas: 1ST = 8-12, 2ST = 13-14, 3ST = 15+. No caso de uma intervenção ao nível 2, a avaliação é muitas vezes baseada mais numa contagem de vazas prováveis do que em pontos de honra, sendo aliás frequente haver 3ST imparáveis com menos de 25 pontos em linha, quando o naipe de intervenção "corre" (nomeadamente quando há o "aconchego" de uma figura à segunda no parceiro do interveniente).

A mudança de naipe *sem salto* é também natural. É uma voz propícia a desentendimentos, se a situação não tiver sido previamente abordada, já que não existe propriamente um consenso no que diz respeito à força prometida pela mesma, e em particular quanto ao seu carácter *forcing* ou *não forcing*. Tradicionalmente todas estas vozes eram consideradas como não forcing (e, se estiver a jogar com um parceiro ocasional, sugiro que na dúvida as considere como tal); mas julgo que a tendência actual é jogar como forcing a mudança de naipe *ao mesmo nível* (i.e., em *1 sobre 1* ou *2 sobre 2*). (Tudo isto, claro, *se a mão não estiver passada*; caso contrário o carácter forcing desaparece).

Repare-se que a decisão de tratar estas mudanças de naipe como forcing (ou não) pode ser tomada pela parceria de acordo com o que entenda mais útil. Essencial é saber-se *o que é que se está a jogar*. É certo que quando as vozes são forcing o leilão fica mais simples, mas em contrapartida perde-se oportunidades de entrar no leilão com mãos menos fortes.

Com que tipo de mão se "tira" o contrato do nível 1 no naipe do parceiro para o nível 2 no nosso naipe, como por exemplo em (1♥)-1♠-(P)-2♣? Normalmente será com um naipe longo (6 cartas ou +), *misfit* no naipe do parceiro, mas também com "*algum jogo*". O mínimo andaré por uns 8 pontos (com um bom naipe) e o máximo pode ir até à volta dos 12. É uma voz construtiva, embora esclarecedora quanto à ausência de fit no naipe da intervenção. Com uma mão mais fraca, não há urgência em vir "socorrer" o parceiro. Ainda não houve dobre, e se o abridor passar, deixando-nos a jogar num fit 5-1 (ou pior...), pelo menos estamos um nível abaixo e à tarifa simples. *Se* o leilão prosseguir com um dobre de chamada do abridor transformado pelo respondente, aí sim é a altura para equacionar um eventual "salvamento". Mas uma tal decisão deve ser sempre bem ponderada, nomeadamente pela qualidade do naipe longo e pelo grau de misfit no naipe do parceiro. Com ♠10 ♥D43 ♦R52 ♣V76532, por exemplo, após o leilão (1♥)-1♠-(P)-P-(X)-P-(P), não é automático que se deva fugir para 2♣. O 10♠ é uma boa carta – muito melhor que uma chicana, convenhamos – e os paus são miseráveis.

Que fazer quando tivermos um unicolor mais forte – demasiado forte para uma mudança de naipe não forcing? É certo que a ocorrência é rara, mas o sistema tem que estar minimamente preparado para essa eventualidade. A solução clássica para este problema é passar pelo *cue-bid*, na intenção de anunciar o naipe longo na volta seguinte do leilão. Não é uma solução ideal, longe disso, já que sobrecarrega a ambiguidade do *cue-bid*.

Uma alternativa razoável para esse tipo de mãos seria usar as vozes de novo naipe *com salto simples*, por exemplo (1♥)-1♠-(P)-3♣. No entanto, a tendência moderna é usar essas vozes como indicadoras de *naipe + fit*, isto é, fit no naipe da intervenção com um

bom naipe lateral de 5 ou mais cartas, e força de convite ou mais. Em termos de frequência esta utilização talvez seja mais vantajosa, além de a descrição facilitar muito a avaliação por parte do interveniente.

Há ainda outro tipo de mãos que, não dispondo de descrição natural, necessitam também de recorrer ao *cue-bid*: trata-se das mãos não fitadas que "gostariam" de marcar 2ST ou 3ST mas que receiam fazê-lo por falta de pega no naipe do abridor. Por exemplo, com ♠54 ♥832 ♦AR83 ♣ARV6, após o leilão (1♥)-1♠-(P), o plano é marcar 2♥ em *cue-bid*, e, sobre uma remarcação provável de 2♠ pelo interveniente, prosseguir com 3♥, novo *cue-bid* que esclarece não termos nenhum naipe longo (que poderíamos agora anunciar) e portanto mostra uma mão deste tipo. Com um pouco menos de força (troque-se o R♦ pelo V♦, por exemplo), o *cue-bid* inicial também é correcto, mas, se o parceiro não puder produzir uma voz mais estimulante do que 2♠, o mais sensato é passar na segunda volta.

Note-se ainda que, se começarmos por um *cue-bid* e seguidamente marcarmos sem trunfo (ao nível 2 ou 3), estamos a mostrar uma mão semelhante mas com uma *pega duvidosa* no naipe adversário.

2.2. Respostas em transfer.

As vozes de "transfer" têm vindo a ganhar cada vez mais importância no bridge de competição. Sobre abertura em 1 sem trunfo, já não há quem não use vozes de transfer, pelo menos para os maiores. Variantes da popular convenção Lebensohl, embora ainda relativamente desconhecidas entre nós, utilizam também o princípio do transfer. Em certos sistemas de abertura em 1♣ forte também são usadas respostas iniciais em transfer.

Jeff Rubens, mestre americano que tão importantes contributos teóricos tem dado para a evolução e renovação do bridge, vem defendendo há bastante tempo a utilização de *transfers em resposta à intervenção em naipe*. Pessoalmente, acho a ideia muito interessante - e espero conseguir persuadir-vos do mesmo.

No esquema proposto por Rubens (publicado há largos anos na revista *The Bridge World*), a ideia é usar como transfers apenas as vozes desde o *cue-bid* simples no naipe de abertura até ao nível imediatamente abaixo do apoio simples no naipe da intervenção.

Começemos pelo caso simples da sequência (1♣)-1♠-(P). As vozes de 2♣ a 2♥ são transfers para o naipe acima, com o seguinte significado:

- 2♣: 5♦ ou +, força de convite ou +
- 2♦: 5♥ ou +, força de convite ou +
- 2♥: fit a ♠, força de convite ou +

As restantes voz de resposta mantêm o seu significado habitual.

Repare-se que no esquema natural visto em 2.1 dispúnhamos apenas de 2♦ e 2♥ como vozes naturais não forcing, e de um *cue-bid* ambíguo em 2♣, que tanto podia incluir

mão fitadas com força de convite ou mais, como mãos fortes com comprimento a \spadesuit ou a \heartsuit , como ainda mãos fortes balançadas sem (boa) pega no naipe de abertura (\clubsuit).

No esquema de transfers acima indicado, a situação fica muito mais esclarecida no que respeita ao *naipe* do parceiro do interveniente. Quanto à *força*, ela esclarecer-se-á no seguimento. O interveniente deve responder assumindo que ela pode ser a mínima prometida, e, sobre $2\clubsuit$ ou $2\spadesuit$ deverá fazer a "correção simples" do transfer (marcando $2\spadesuit$ ou $2\heartsuit$, respectivamente) com uma mão que teria passado a uma voz natural não forcing de $2\spadesuit$ ou $2\heartsuit$, ou remarcar o seu naipe de intervenção quando teria feito o mesmo sobre uma tal voz – o que continua a mostrar uma intervenção da zona mínima, mas com um misfit e/ou um naipe de intervenção remarcável. Com mãos mais entusiasmantes, deve usar outras vozes adequadamente descritivas: qualquer dos dois naipes (o seu ou o do parceiro) *com salto*, sem trunfo, novo naipe (natural) ou, em recurso, o *cue-bid* no naipe de abertura.

Quando o parceiro do interveniente tiver uma mão forte, voltará a falar, voluntariamente, mesmo sobre uma resposta mínima do interveniente (correção ou remarcação simples). Para além de uma remarcação natural do seu naipe, dispõe de outras possibilidades interessantemente descritivas, como sejam a "preferência" pelo naipe do interveniente (mostrando um semi-fit de 2 cartas), a marcação de novo naipe ou de sem trunfo, ou em último recurso o *cue-bid*.

Esta acrescida flexibilidade proporcionada pela utilização das vozes em transfer constitui a sua principal vantagem. Ao obrigar o parceiro a falar, garante-se uma segunda oportunidade para completar a descrição da mão quando necessário, sem com isso ter sacrificado a possibilidade de descrição de certas mãos menos fortes.

Até aqui, tudo parece um mar de rosas. Mas ao leitor mais atento não terão passado despercebidos dois "espinhos", que é fundamental referir.

Em primeiro lugar: onde é que se encaixam as mãos fortes (semi-)balançadas, sem fit e sem pega no naipe de abertura? No esquema clássico elas têm que entrar no *cue-bid*, como vimos, mas a verdade é que no esquema de transfers acima exposto não foi dito onde é que elas "encaixam". Bem, nalgum lado tem que ser, e a solução mais lógica é incluí-las na *primeira* das vozes de transfer. Claro que isso tem a consequência negativa de tornar essa voz mais *ambígua*. Concretamente, no caso acima analisado, teríamos de corrigir o significado da voz de $2\clubsuit$ para: " $5\spadesuit$ ou +, força de convite ou +, ou mão forte sem fit, nem naipe longo, nem pega a \clubsuit ". Em todo o caso, o interveniente responde assumindo a primeira hipótese. No seguimento, o parceiro é que deverá, no caso de mão forte, ter o cuidado de diferenciar se tem ou não comprimento a \spadesuit (remarcando-os ou dando outras vozes, em particular o *cue-bid*).

Em segundo lugar: o caso apresentado (intervenção em $1\spadesuit$ sobre $1\clubsuit$) corresponde à situação mais favorável, por a intervenção ser no naipe *mais afastado*. É que, recorde-se, apenas são usadas como transfers as vozes entre o *cue-bid* ($2\clubsuit$ neste caso) e o nível *abaixo do apoio simples* ($2\heartsuit$), inclusive. Isso significa que neste caso temos exactamente 3 vozes de transfer ($2\clubsuit/2\spadesuit/2\heartsuit$), que é o que precisamos para distinguir entre \spadesuit , \heartsuit e fit a \spadesuit . (Bem, o ideal mesmo era ter 4 vozes, para distinguir também as tais

mãos fortes sem pega...). O mesmo se passa nas sequências iniciadas por (1♦)-2♣, (1♥)-2♦ e (1♠)-2♥.

Mas o que acontece, por exemplo, no caso (1♦)-1♠-(P)? Agora só há duas vozes de transfer, que são 2♦ e 2♥, mantendo 2♣ o significado standard de uma mudança de naipe não forcing. Neste caso, a separação permite distinguir *a priori* as mãos fitadas (que passam por 2♥), mas a voz de 2♦ fica ambígua, podendo corresponder a uma mão intermédia com comprimento a ♥ (que daria 2♥ no esquema clássico) ou a qualquer tipo de mão forte não fitada, seja com comprimento a ♥ ou a ♣ ou sem naipe longo. Só na segunda volta a descrição efectiva virá a ter lugar.

Pior ainda é o caso de a intervenção ser no naipe "colado" ao da abertura, como em (1♦)-1♥-(P). Nesta situação o *cue-bid* coincide com o nível abaixo do apoio simples, pelo que na prática o esquema reverte para o esquema clássico, com 1♠ e 2♣ naturais e com o *cue-bid* totalmente ambíguo em 2♦.

Em resumo, o esquema de respostas em transfer é de aplicação *limitada*, pelo menos tal como aqui foi apresentado. Em todo o caso, não deixa, na minha opinião, de constituir um alternativa mais eficaz relativamente ao esquema de respostas clássico. Repare-se, aliás, que a sua adopção não comporta, salvo o esforço de memória adicional que é sempre requerido pela adopção de vozes artificiais, praticamente nenhum efeito negativo. Poder-se-á dizer que a voz mais sacrificada é o "*cue-bid fitado*", já que ele agora fica sempre no nível imediatamente abaixo do apoio simples, ou seja, a um nível menos económico do que nalguns casos seria: por exemplo, na sequência (1♠)-2♥-(P) ele calha em 3♦, ao passo que no esquema clássico ficaria em 2♠. Mas não podemos esquecer que, em contrapartida, a voz de transfer (3♦ neste caso) já é *inequivocamente* com fit a ♥, ao passo que o *cue-bid* clássico em 2♠ era ambíguo quanto à existência de fit.

É possível melhorar este esquema? Uma ideia simples seria adoptar um esquema de transfers *total*, i.e., usar como transfers *todas* as vozes em naipe abaixo do nível do apoio simples - e não somente as vozes a partir do *cue-bid*. Isso permitiria ter sempre os desejados *três* níveis para distinção entre o apoio e os dois naipes não falados. Qual é o problema? O problema é que agora o esquema já implica *sacrificar* um dos naipes restantes, como se pode ver facilmente: numa sequência como (1♥)-1♠-(P), deixaríamos de ter a possibilidade de jogar o contrato de 2♣ (já que esta voz passaria a mostrar ♦).

2.3. 1ST não promissor.

Retomemos a sequência (1♥)-1♠-(P), e uma mão semelhante à de um exemplo visto atrás, mas um tanto mais fraca: ♠54 ♥853 ♦R832 ♣AR106. Que responder? A mão não tem força para um *cue-bid* (seja qual for o esquema de respostas adoptado), não tem naipe longo, não tem fit a ♠, não tem pega a ♥ - mas tem que dar voz. Já tenho visto jogadores *passarem* com mãos semelhantes, o que só se compreende como reminiscência (consciente ou não) dos tempos em que uma intervenção simples *negava abertura*, ou então como manifestação do já referido fenómeno de confiar no abridor para reabrir "obrigatoriamente" o leilão.

A solução óbvia é responder ...1ST.

Com "três vis" no naipe do abridor, que ainda por cima é um maior quinto?... Reconheço que, à primeira vista, parece uma aberração - contra tudo o que aprendemos nos livros. Mas, pensando bem no assunto, é a "boa" voz, e por diversas razões, que passo a expor.

A voz não é anti-posicional. Se por acaso se vier a verificar que o interveniente é que tem pega no naipe adversário, ela está bem situada (a seguir ao abridor), não havendo o problema de ser "atravessada" à saída. Repare-se como a situação seria diferente se colocada ao invés: caso fosse o parceiro do interveniente a ter a pega (ou pegas), já era grave que fosse o interveniente a marcar sem trunfo, pois deixava a mão com pega exposta ao atravessamento logo na vaza inicial.

A pega pode não fazer falta. Quando o contrato final for 1ST (o que acontecerá frequentemente, diga-se de passagem), o resultado obtido pode ser bom mesmo que o abridor desfile à cabeça cinco vazas (ou mais...) no seu naipe. Some-se a isto a conhecida "vantagem do declarante", a normal dificuldade de produzir um flanco perfeito contra 1ST, e facilmente se reconhece como é importante ter chegado a esse contrato antes do adversário. Além disso, não se deve menosprezar o efeito inibidor que a marcação pode ter sobre o abridor, relativamente à escolha da saída. É que, se a voz não promete pega, também não a nega, e o abridor pode rezear entregar uma vaza com a saída.

A voz descreve correctamente a força da mão (cerca de 8 a 12 pontos), e em certa medida também o *tipo* da mesma, (semi-)balançado sem 3 cartas no naipe do parceiro. (Quase sempre a mão terá 1 ou 2 cartas nesse naipe; com chicana a voz de 1ST é de evitar, embora possa ser a menos má quando no limite superior da zona de pontos). Esta informação deixa o interveniente bem colocado para o seguimento do leilão. Nomeadamente, isso poder-lhe-á permitir, conforme as circunstâncias:

- ❑ dobrar uma competição adversária;
- ❑ encontrar um fit em naipe lateral, que de outro modo seria difícil de localizar; um tal fit pode aparecer quer "voluntariamente" (quando o interveniente opte por em resposta anunciar o seu segundo naipe, contando razoavelmente aí encontrar um apoio de pelo menos 3 cartas), quer num eventual processo de "fuga" no caso de 1ST ser dobrado pelos adversários;
- ❑ competir *cautelosamente* no seu próprio naipe, com comprimento e força extra.

Há um aspecto muito importante a considerar quanto ao seguimento do leilão. É que jogar 1ST sem segurar o naipe adversário pode ser um encanto, mas o mesmo não se pode dizer de 3ST, ou mesmo 2ST. Assim sendo, não deve haver do lado do interveniente uma marcação de 2ST nem de 3ST *a não ser tendo ele próprio uma pega* (pelo menos) no naipe adversário. Se tiver força para convidar (ou forçar) a partida em sem trunfo, mas lhe faltar essa pega, deverá começar por marcar um *cue-bid* no naipe adversário, o que constitui uma interrogativa não só à força da mão do parceiro mas também ao teor do mesmo nesse naipe. Se dessa investigação se concluir que o parceiro não segura o naipe, optar-se-á por um contrato de parcial ou de partida (conforme a força combinada das duas mãos), ou no naipe de intervenção (provavelmente num semi-fit 5-2) ou num dos outros naipes (onde pode perfeitamente existir um fit de 8 cartas).

Esta opção estratégica de, num leilão competitivo, marcar 1ST sem prometer pega no naipe adversário, tem aliás uma aplicação mais vasta. Uma questão fundamental é o já referido aspecto *posicional*. Sempre que a voz for dada pela mão *antes* do adversário que mostrou o naipe perigoso, ela não precisa de prometer pega. Situações comparáveis são, entre outras, as seguintes:

- Resposta do abridor a um dobre negativo: após 1♦-(1♠)-X-(P), a boa voz do abridor com ♠943 ♥A32 ♦RDV2 ♣R76 é 1ST.
- Resposta a um dobre de chamada sobre abertura em naipe: após (1♥)-X-(P), a boa voz com ♠94 ♥6543 ♦RD54 ♣A102 é 1ST (mesmo sabendo que o dobre de chamada tende a ser curto a ♥).
- Até mesmo a reabertura sobre 1 em naipe: com a mão acima ♠943 ♥A32 ♦RDV2 ♣R76, após (1♠)-P-(P) recomendo também 1ST.

Todos os exemplos aqui apresentados foram sobre abertura adversária em maior, presumivelmente de 5 cartas. Claro que tudo o que foi dito se aplica também, por maioria de razão, ao caso de uma abertura em naipe menor, que é menos "ameaçadora" em termos de comprimento do naipe.

3. O parceiro do abridor apoia.

Sobre um apoio simples (i.e., ao nível 2), o dobre é *competitivo*, com comprimento nos naipes não falados, e normalmente sem fit de 3 cartas no naipe de intervenção. Se houver um naipe maior não falado, como na sequência (1♣)-1♠-(2♣), o dobre tem tendência a mostrar 5 cartas nesse maior (já que a intervenção em naipe torna menos provável encontrar na mão do interveniente 4 cartas num maior lateral, pelo que este não deve ter problema em anunciar esse maior com 3 cartas em resposta ao dobre).

Muitas vezes o dobre encerra uma *tolerância* (2 cartas) pelo naipe da intervenção (a não ser com valores extra substanciais), já que o interveniente em resposta pode não ter melhor solução do que repetir o seu naipe, mesmo sem uma sexta carta.

Contra um apoio em salto, é necessário que a parceria estabeleça *até que nível* os dobres são competitivos (por oposição a punitivos), e jogar em conformidade. Na ausência de combinação prévia, é normal assumir que sobre um apoio em salto simples (i.e., ao nível 3) o dobre ainda tem carácter competitivo. Mas, de um modo geral, quanto mais elevado for o nível mais esbatida fica a fronteira entre o punitivo e o competitivo, e também mais vezes o parceiro optará por deixar ficar o dobre.

É fundamental apurar, antes de decidir entrar ou não no leilão, o que é que promete o apoio em salto dado pelo adversário da direita, nomeadamente se é construtivo ou de barragem. Note-se, aliás, que um tal apoio não carece de alerta em qualquer dos casos (pelos regulamentos actuais), pelo que há sempre o direito de inquirir sobre o significado da voz.

Quando o parceiro do interveniente se vir "fornado de trunfos" no naipe adversário (situação rara), tem que ter reflexos rápidos. Se aspira a ver o contrato dobrado, tem que passar *sobriamente*, e esperar que o parceiro possa reabrir com um dobre competitivo,

que irá alegremente transformar. Trata-se de mais uma situação de emboscada, que para funcionar não pode incluir a *informação não autorizada* transmitida por uma hesitação reveladora, a qual, a ter lugar, inibe o parceiro de tomar uma acção que não seja bridgisticamente evidente.

Se o parceiro do interveniente estiver forte demais para correr o risco de deixar jogar o contrato não dobrado, ou se não tiver conseguido evitar a "pensada", terá que avaliar se não será preferível *marcar a mão* pela positiva. Por exemplo, após (1♥)-1♠-(3♥), com ♠6 ♥RV109 ♦A104 ♣ARV102, e principalmente se for com vulnerabilidade desfavorável, o melhor é fugir para a frente e marcar 3ST – já agora, não negligenciando o aspecto de inquirir previamente sobre o carácter de barragem da voz de 3♥. (Claro que, se nos disserem que "é convite", ou estão enganados ou anda "psíquico" no ar – resta saber de quem).

As vozes em novo naipe sem salto são naturais, prometendo quase sempre 6 cartas, e, sobre um apoio simples, são normalmente jogadas como *não forcing*, o que, por uma questão de frequência, é certamente mais útil (raramente o parceiro do interveniente terá uma mão forte quando todos os outros jogadores deram vozes construtivas). Sobre um apoio de barragem, o nível do leilão e a lógica do mesmo já tornam mais razoável considerar tais vozes como *forcing*, p. ex. (1♥)-1♠-(3♥)-4♣, ou mesmo (1♦)-1♠-(3♦)-3♥. (Isto se a mão não estiver passada, mas também no caso contrário é de assumir que a voz, embora natural, encerre um fit ou semi-fit no naipe de intervenção).

Mãos com seis ou mais cartas num dos naipes não falados que estejam fortes demais para uma resposta natural não forcing (situação infrequente) têm que passar pelo dobre, e anunciar a seguir o seu naipe sobre a continuação do interveniente.

Quanto às vozes em novo naipe *com salto*, a situação é menos clara do que quando o parceiro do abridor passa, porque, dependendo do *rank* do naipe adversário, as vozes que seriam em salto podem ou não deixar de o ser. Por exemplo, após (1♣)-1♠-(2♣), as vozes de 3♦ e 3♥ continuam a ser em salto, tal como seriam se não houvesse a voz de 2♣. Mas na sequência (1♥)-1♠-(2♥), as vozes de 3♣ e 3♦ já deixam de ser em salto. Em 2.1 recomendei que se usasse as vozes com salto simples para mostrar naipe + fit, e as vozes com duplo salto como *splinters*. No silêncio adverso esta distinção funciona bem porque é inequívoca. Mas na situação presente (apoio pelo parceiro do abridor) parece-me preferível simplificar o esquema e considerar todas as mudanças de naipe com salto como *splinters*. Por exemplo, após (1♦)-1♠-(2♦), a voz de 4♣ mostra fit a ♠, singleton a ♣ e força de partida. No entanto, após o mesmo leilão, o *splinter* a ♥ pode ficar não em 4♥ mas no nível económico de 3♥, o que traz a vantagem de poder ser considerado um "*mini-splinter*", com força de *convite ou mais*, e permitindo ainda uma desistência em 3♠. (Já agora, refira-se que o *cue-bid* com salto - 4♦ neste exemplo - também deve ser usado como *splinter*).

A voz de apoio simples do naipe de intervenção é uma voz competitiva normal, e como habitualmente o apoio em salto é dado com mãos distribucionais fracas (dentro de limites ditados pela vulnerabilidade).

É necessário dispor de alguma voz para anunciar um fit mais forte, isto é, com força pelo menos de convite a partida. Quando a intervenção foi ao nível 1 e o apoio da

abertura ao nível 2, a situação não é problemática, pois dispõe-se do *cue-bid* no naipe adversário para esse efeito. Por exemplo, após (1♦)-1♠-(2♦), a voz de 3♦ mostra fit a ♠ com força de convite ou mais, permitindo ainda uma desistência em 3♠.

Se a intervenção foi ao nível 2, mesmo sobre um apoio simples do parceiro do abridor já o espaço de marcação fica severamente limitado. É que agora o *cue-bid* já vai parar alto demais. Por exemplo, após (1♠)-2♦-(2♠), o *cue-bid* em 3♠ já não permite parar antes de partida. Então, como mostrar uma mão de convite nestes casos?

Uma hipótese é assumir que nestes casos o apoio simples (em 3♦ neste exemplo) mostra força de convite, e que com mãos fitadas mais fracas (que gostariam de dizer 3♦ como um mero som competitivo), mas insuficientemente distribucionais para saltar para 4 ou 5♦, se tem que *passar*. Não me agrada, pois isso significaria baixar os braços em demasiadas ocasiões, o que no bridge competitivo é uma estratégia perdedora.

Outra hipótese é assumir que "não há convites", e com uma mão forte demais para um apoio competitivo forçar sempre a partida. Também não é a solução ideal. Convinha era ter mesmo uma outra voz que, sem ultrapassar o nível de 3 no naipe de intervenção, pudesse mostrar o fit com força de convite (ou mais).

Existe alguma voz utilizável para esse fim? As vozes em naipe já estão ocupadas para uma descrição natural, como vimos. Restam duas possibilidades: o dobre e a voz de 2ST.

Quanto ao dobre, se quisermos incluir nele as mãos fitadas com força de convite criamos apenas o problema da *ambiguidade*, pois ele tem também que ser dado, como já vimos, com mãos *não fitadas* com comprimento nos naipes não falados. É certo que a situação pode ficar esclarecida quando, na volta seguinte do leilão, o parceiro do interveniente marcar esse naipe ao nível 3; mas isso é se os adversários colaborarem, deixando o caminho livre para uma marcação desimpedida, hipótese com que não podemos contar muito.

Quanto à voz de 2ST, não se pode dizer que ela esteja "livre", já que faria todo o sentido usá-la como uma voz natural de convite, sem fit de 3 cartas, não forcing. É certo que sobre uma intervenção ao nível 1, e dado o leilão adversário, já é difícil imaginar uma mão *não fitada* que encare a hipótese de haver 3ST e não disponha de outra descrição (nomeadamente o dobre ou o anúncio de um naipe longo). Com ♠63 ♥RV10 ♦D104 ♣AR1092, após (1♥)-1♠-(2♥), por exemplo, *pode* haver 3ST se os adversários estiverem a falar "nas peles" e o jogo do parceiro completar bem o nosso, nomeadamente a ♣. (Na prática o parceiro tem algo como ♠AD1043 ♥73 ♦R764 ♣65, ou pior). Mas a mão pode em alternativa começar por *dobrar*, e mesmo o ligeiro *underbid* de 3♣ não seria totalmente disparatado.

Sobre uma intervenção ao nível 2, é mais fácil encarar a hipótese de 3ST, por exemplo com ♠AD6 ♥V104 ♦V8 ♣R10873 após (1♠)-2♦-(2♠). Esta mão fica bem descrita por uma voz de 2ST natural.

De qualquer modo, o que devemos perguntar-nos é se podemos ou não *prescindir* desta descrição natural em favor de uma utilização artificial para mostrar um fit com força de convite. É uma questão que deve ser decidida por critérios "económicos", com base na

frequência dos tipos de mão. Nesta era de "lebensóis", não é a primeira vez (nem será a última) que sacrificamos o significado natural de 2ST para uma utilização artificial julgada mais útil em termos de frequência. Aliás, num leilão competitivo em que os adversários já marcaram e apoiaram um naipe, será raro, mesmo em torneio de pares, que o bom contrato seja *exactamente* 2ST.

Assumamos então que reservamos a voz de 2ST para mostrar uma mão fitada mais forte do que um apoio directo. Mas quão mais forte? Sendo uma voz artificial, ela poderia sempre ser *ilimitada* em termos de força, e portanto mostrar *pelo menos* força de convite a partida. Por outro lado, vimos que a necessidade de usar uma tal voz artificial surge no caso de uma intervenção ao nível 2, já que no caso de ser ao nível 1 temos o *cue-bid* disponível sem ultrapassar o nível de 3 no naipe da intervenção. Mas também não é desejável, quanto mais não seja por razões de esforço de memória, ter significados distintos numa e noutra situação.

Sendo assim, um esquema simples possível é o seguinte (recorde-se que só estamos por enquanto a considerar um apoio simples pelo parceiro do abridor):

- 2ST: apoio com força de *convite a partida*
- *cue-bid*: apoio *forcing de partida*

(Outra hipótese interessante seria, no caso da intervenção ao nível 1, em que as duas vozes são abaixo de 3 no naipe de intervenção, usá-las ambas como fit com força de *convite ou mais* e distinguindo o número de cartas de apoio, 3 *ou* 4 *ou* +. Mas como esse esquema não serve no caso de intervenção ao nível 2, isso obrigaria a um esforço de memória adicional para distinguir as situações).

Quando o apoio adversário for em salto (ao nível 3), já nada disto se aplica, visto que o nível 2 já ficou lá para trás e o *cue-bid* só existe ao nível 4. O caso mais problemático é aquele em que o apoio em salto foi de *barragem*, pois se tiver sido construtivo já é menos provável termos uma mão forte. Seria desejável ter sempre maneira de distinguir as zonas de força das mãos fitadas (competitivas / de convite / *forcing de partida*), mas infelizmente isso deixa de ser possível, por falta de espaço – as barragens têm o seu efeito.

Como reagir então, com mãos fitadas, numa sequência como por exemplo (1♥)-1♠-(3♥)? A atitude pragmática consiste em simplesmente *abolir* as mãos de convite. Isto é, ou se dá um simples apoio competitivo (em 3♠) ou se *força a partida*, dizendo 4♠ com uma mão mais distribucional ou fazendo o *cue-bid* em 4♥ com uma mão de apoio mais forte. Repare-se que a situação tem analogias com a de uma intervenção adversária em barragem sobre uma abertura nossa, por exemplo 1♠-(3♥).

A situação piora se o naipe adversário for mais caro do que o nosso, como em (1♠)-2♥-(3♠), ou se a marcação adversária for em duplo salto, como em (1♥)-1♠-(4♥). Agora já não temos hipótese de fazer um apoio competitivo abaixo do nível 4, e por outro lado o *cue-bid* já nos obriga a ir jogar pelo menos ao nível 5. Na prática isto significa que a voz de apoio ao nível de partida fica uma voz de "banda larga" no que respeita à força e tipo de mão, e que o *cue-bid* já entra inequivocamente na categoria das vozes de cheleme.

4. O parceiro do abridor dá novo naipe (natural).

Na maioria das situações, uma mudança de naipe pelo parceiro do abridor é jogada como *forcing*. Mas há casos de exceção, nomeadamente os seguintes:

- ❑ O parceiro do abridor passou inicialmente.
- ❑ O par adversário utiliza os chamados "*negative free bids*" (vozes livre negativas), em que por exemplo na sequência (1♥)-2♣-(2♠) a voz de 2♠ mostra geralmente seis cartas e força limitada a cerca de 10H. (A voz é *alertável*).
- ❑ A mudança de naipe é *em salto*, e o par joga esses saltos como vozes fracas, de barragem (ou mesmo *muito fracas*). A utilização dos chamados "*very weak jump shifts*" já se vai tornando comum, não só em situação competitiva, como até mesmo em leilão a dois - mas também não deixa de requerer *alerta*.

Em todo o caso, o facto de a voz do parceiro do abridor ser ou não ser *forcing* deve certamente influenciar, por parte do parceiro do interveniente, a *avaliação* sobre a oportunidade de entrar no leilão.

Mas deve também influenciar o *sistema*? Do ponto de vista da eficácia, talvez devesse. Por exemplo, é perfeitamente razoável considerar que o *dobre* de uma voz *forcing* deva ter um significado diferente do de uma voz que pode terminar o leilão. No entanto, para simplificar a questão, deixemos de lado estas *nuances*.

4.1. O dobre.

Depois de três jogadores anunciarem três naipes, que significado deve ter o *dobre* do quarto jogador? Faz um certo sentido, em primeira análise, considerá-lo como *punitivo*. Porquê fazer uma chamada para um só naipe restante, que pode ser anunciado naturalmente?

No entanto, e por uma questão de *frequência*, muitos jogadores de primeiro plano optam actualmente por utilizá-lo com um outro significado. O dobre pode ser usado para mostrar comprimento no "último naipe" (o ainda não falado), mas com *tolerância* (pelo menos) pelo naipe da intervenção. Tipicamente, a mão terá cinco cartas no último naipe e duas ou três no naipe do parceiro. No entanto, e particularmente quando o último naipe é maior e o leilão está a um nível baixo, a mão pode ter apenas quatro cartas nesse naipe. Em todo o caso, um aspecto essencial é o do (mini-)fit prometido no naipe do parceiro, proporcionando-lhe um "porto seguro" para refúgio em caso de *misfit*.

Neste contexto, o anúncio natural do último naipe fica reservado a mãos com *misfit* (zero ou uma cartas) no naipe da intervenção e/ou comprimento extra no naipe anunciado. É uma voz construtiva, mas não *forcing*.

O uso do dobre como acima descrito (que nos Estados Unidos recebeu o nome de "*snapdragon double*") permite "dar voz" a um conjunto significativo de mãos que, de outro modo, não teriam boa maneira de ser mostradas. O lado negativo é que se prescinde da hipótese de mostrar um dobre *punitivo*. A opção é baseada em razões de *frequência*: uma boa mão punitiva não é impossível, mas é menos frequente.

Vamos ver uns exemplos que são elucidativos.

O parceiro intervém em 2♣ na sequência (1♥)-2♣-(2♦) e estamos a olhar para ♠AV104 ♥763 ♦A542 ♣108. É uma boa mão para um dobre "snapdragon". Sem dispor deste dobre teríamos que optar por uma de várias vozes possíveis mas imperfeitas, como o passe (demasiado conservador), o dobre punitivo (demasiado optimista) ou o apoio em 3♣ (demasiado unilateral). Se a mão do parceiro calhar ser algo como ♠R865 ♥108 ♦7 ♣ARV954, o dobre é meio caminho andado para encontrar o fit a espadas, que de outro modo podia ficar enterrado (já que não se pode exigir do parceiro que as anuncie "sozinho" se o abridor remarcar 2♥ ou der o fit em 3♦). Além disso, o dobre deixa o parceiro bem informado para avaliar se deve competir ou não, e *até que ponto* deve fazê-lo.

Com ♠RV87 ♥A962 ♦1075 ♣64, face a uma intervenção do parceiro em 1♦ na sequência (1♣)-1♦-(1♥), o dobre é também a melhor voz, mais flexível do que 2♦. (Aliás, se o parceiro se tiver lembrado de intervir com algo como ♠D965 ♥54 ♦ARV8 ♣1073 – o que não é disparate nenhum... – o dobre é a maneira de recuperar o "verdadeiro" fit, que é a espadas). Já agora, altere-se a mão do parceiro do interveniente para ♠RV875 ♥A962 ♦107 ♣64 e o dobre continua a ser recomendável. O doubleton a ouros é essencial para dar ao parceiro a hipótese de fuga quando estiver curto a espadas.

Convém estar alertado para as consequências de, ao optar-se por um dobre deste tipo, se *perder* o dobre punitivo. Isto significa que, com uma mão que "queria" dobrar punitivamente, se tem que *passar* (a não ser que a alternativa de dar voz em sem trunfo pareça razoável). Se o abridor também passar (o que só poderá ocorrer nos casos, pouco frequentes como já referido, em que a voz em novo naipe tiver sido *não forcing*), espera-se que o interveniente possa reabrir com um dobre competitivo (que naturalmente se irá *transformar*); caso contrário, deixar-se-á para a volta seguinte a decisão sobre a oportunidade e a forma de entrar no leilão.

4.2. Vozes de apoio.

As vozes de apoio natural da intervenção são normais, sendo de barragem quando em salto. Para mostrar boas mãos fitadas, dispõe-se agora de dois *cue-bids*, nos dois naipes adversários. Quando os adversários mostraram dois naipes, é prática *standard* usar o *cue-bid afirmativo*, i.e., no naipe em que se tem "alguma coisa". No entanto, a questão não é tão simples, pois há que ter em conta o nível do leilão.

Vejam os exemplos. Após a sequência (1♣)-1♥-(1♠), o *cue-bid* em 2♣ é mais económico do que 2♠, pois, ao contrário deste último, permite parar ainda em 2♥. Sendo assim, parece-me mais razoável que o primeiro (2♣) seja ambíguo quanto ao teor nos naipes adversários (mostrando apenas um fit com força de convite ou mais). Já 2♠ poderá mostrar, adicionalmente, valores a espadas, com força para jogar pelo menos ao nível de 3♥, e provavelmente sem valores a paus. Numa sequência elevada como (1♥)-2♣-(2♠), ambos os *cue-bids* são "caros", forçando o leilão ao nível 4 (ou a 3ST). Como tal, não há qualquer inconveniente em que ambos sejam *afirmativos*.

Há algumas considerações a fazer sobre este tipo de situação.

Em primeiro lugar, quanto à distribuição de pontos entre as duas linhas. Quando temos algum jogo e os três jogadores antes de nós já deram vozes livres e positivas, como nas sequências exemplificadas, é de esperar que haja uma distribuição de pontos aproximadamente igual entre as duas linhas. E se o parceiro do abridor tiver dado voz ao nível 2 (excepto quando anunciada como fraca), até é de esperar que o campo do abridor esteja em superioridade. Isso não invalida que, na presença de um bom fit, haja possibilidade de partida na linha do interveniente, seja em naipe, seja mesmo em sem trunfo - à força de *vazas*, e não de pontos, quando o naipe do fit fornece seis ou mais vazas.

Em segundo lugar, importa salientar que a questão de mostrar valores nos naipes adversários é muito mais importante no caso de fit em naipe *menor*, pois é nesse caso que a investigação do contrato de 3ST assume um papel primordial. Nesta perspectiva, é perfeitamente razoável que, no caso de fit em maior, os dois *cue-bids* sejam usados para distinguir não o teor nos naipes adversários mas antes um aspecto mais útil como é o *número de cartas de apoio*. Voltando à sequência (1♣)-1♥-(1♠), teríamos então 2♣ a mostrar 3 cartas de copas, e 2♠ a mostrar 4 ou mais, em ambos os casos com força pelo menos de convite a partida.

Quanto às vozes de *cue-bid em salto*, é normal jogá-las como *splinters*, mesmo quando o salto é *económico*, como por exemplo 3♣ na sequência anterior (constituindo neste caso um *mini-splinter*, visto que não é forcing de partida). Já a voz em salto no naipe não falado (3♦ na mesma sequência) faz mais sentido, por uma questão de frequência, ser usada para mostrar naturalmente um bom naipe *com fit* no naipe do parceiro.

4.3. Vozes em sem trunfo.

As vozes em sem trunfo são naturais, mesmo quando a contagem dos pontos "prometidos" pelos três jogadores que já falaram pareça sugerir a sua improbabilidade. É importante referir que, relativamente à voz de 1ST, também aqui a existência de pega no naipe do abridor não é fundamental (tanto mais que neste caso esse naipe é forçosamente menor); importante, isso sim, é ter "qualquer coisa" no naipe do parceiro do abridor - não só por este ser *a priori* mais ameaçador em termos de comprimento, mas também por uma questão de posicionamento do carteio (evitar prejudicar uma eventual pega na mão do interveniente).

5. O parceiro do abridor dobra de chamada.

É praticamente universal a utilização do dobre de uma intervenção simples como uma voz de *chamada*, e não punitiva - e isto mesmo quando a intervenção ocorreu ao nível dois. De um modo geral, o dobre anuncia comprimento nos naipes não falados, com especial ênfase no naipe maior, quando aplicável.

A situação, em certo sentido, não difere muito da analisada no ponto anterior. Nomeadamente, um aspecto em comum é o de já haver três jogadores a mostrarem livremente mãos positivas, o que deve levar o parceiro do interveniente a ter presente, quando se veja com "algum joguinho", que a distribuição de pontos entre as duas linhas não deve andar muito longe dos 20-20. Por outro lado, não há verdadeiramente um naipe "mostrado" pelo parceiro do abridor, embora em relação a este aspecto haja

alguma diversidade das situações. Por exemplo, o dobre de 1♣-1♥ é geralmente usado para mostrar exactamente 4 espadas; o de 1♣-1♠ mostra geralmente 4 copas *ou mais* (neste último caso, sem força para dizer 2♥); o de 1♥-1♠ tende a mostrar 4-4 ou mais nos menores.

5.1. O redobre.

Em todo o caso, o dobre não rouba espaço de leilão, pelo contrário possibilita uma voz adicional que é o *redobre*. O significado tradicional deste redobre é o natural, transmitindo não só a mensagem de acreditar que o contrato redobrado será cumprido, mas principalmente a sugestão de dobrar uma fuga dos adversários.

Não há nada de errado em jogar assim. Aliás, em certos casos esta pode ser uma arma fundamental para "agarrar" os adversários quando estes tenham "metido a cabeça" na má altura. Por exemplo: uma abertura em 1♠ com ♠AV1073 ♥V105 ♦9 ♣A862 (agressiva mas normal) é seguida de uma intervenção em 2♥ e de um dobre agressivo com ♠4 ♥863 ♦RV875 ♣D943. Não é preciso olhar para as mãos do campo oposto para perceber que 3♣, apesar do fit oitavo, já é forte candidato a levar pelo menos 2 cabides. Ora, se o parceiro do interveniente tiver, por exemplo, ♠RD986 ♥R4 ♦D10643 ♣V, só com o redobre pode alertar o parceiro para que este, com ♠25 ♥AD972 ♦A2 ♣R1075, dobre tranquilamente 3♣.

No entanto, e mais uma vez por uma questão de *frequência*, têm sido sugeridas outras utilizações desta voz. Uma delas, bastante curiosa, é o chamado "redobre de figura" ("*honor redouble*"). A ideia, proposta por George Rosenkranz, é usar o redobre para mostrar o *ás* ou *rei* do naipe do parceiro. Naturalmente, pressupõe-se que a mão tenha "estofo" suficiente para aguentar jogar o contrato redobrado. Não é no entanto obrigatório um fit de 3 cartas; a figura à segunda é o mínimo exigível. (Também raramente haverá um fit de *mais de 3 cartas*, pois nesse caso outras vozes poderão ser estrategicamente preferíveis, como veremos adiante). Curiosamente, a principal utilidade da voz é *defensiva* e não *ofensiva*, pois transmite uma indicação de saída importante no caso (frequente) em que o contrato final seja marcado pelo abridor. Isto não significa que a informação de um "semi-apoio" com uma entrada quase garantida não seja por si só interessante para a avaliação do potencial ofensivo por parte do interveniente. Mas atenção: nalguns (poucos) casos, esta informação *pode* revelar-se mais benéfica para o abridor, que pode, por exemplo, abdicar de arriscar um contrato em sem trunfo com uma paragem de dama, ou, ao invés, reavaliar pela positiva um rei desacompanhado.

5.2. Vozes de apoio.

As vozes de apoio da intervenção são normais, e como de costume os apoios em salto são reservados às mãos distribucionais fracas, colocando a "fasquia" ao nível adequado em função do número de trunfos. Com mãos mais fortes de apoio, utilizar outras vozes, em particular o *cue-bid* do naipe de abertura. Uma voz que também pode ser usada para mostrar um bom fit é, em resposta a uma intervenção ao nível 1, o salto para 2ST (que como voz natural seria extremamente rara), por exemplo (1♣)-1♥-(X)-2ST. Esta voz pode servir para mostrar artificialmente 4 trunfos ou mais, e força de convite a partida ou mais, ficando nesse caso o *cue-bid* reservado às mãos com apenas 3 trunfos. (É uma

situação semelhante à da resposta a uma abertura em naipe seguida de um dobre de chamada, por exemplo 1♥-(X)-2ST).

Já quando a intervenção tiver sido ao nível 2, faz mais sentido usar 2ST como natural, por um lado porque já não se dispõe da voz de 1ST, e por outro lado porque como já foi referido pode haver 3ST mesmo com relativamente poucos pontos.

Outras vozes de fit são os habituais *splinters* (mudança de naipe em duplo salto). Mesmo o *cue-bid* com salto simples, como por exemplo (1♦)-1♠-(X)-3♦, pode ser usado como um *mini-splinter*.

5.3. Mudança de naipe.

Que dizer da mudança de naipe, sem salto ou com salto simples? O que é 1♠ na sequência (1♣)-1♥-(X)-1♠? E o que seria 2♠? Em certo sentido, essas vozes "cheiram" a *cue-bid*, pois são dadas em naipes prometidos, ou pelo menos sugeridos, pelo parceiro do abridor. (Tanto assim que já houve quem sugerisse usar todas essas vozes como vozes de fit com função de "indicação de saída").

No entanto, pessoalmente não me parece que devamos prescindir do significado natural destas vozes. O facto de o adversário ter mostrado quatro cartas num naipe não nos deve impedir de encontrar nesse naipe um bom fit 5-3 (ou mais). Além disso, nem sempre o dobre *promete* comprimento nos naipes não falados, nem sequer no maior. Por exemplo, na sequência anterior (1♣)-1♥-(X), o dobre pode ter sido feito com uma mão sem 4 espadas, com força para dizer 1ST mas sem pega a copas, por exemplo ♠AV2 ♥1086 ♦R972 ♣965. Não me parece razoável que o jogador a seguir não possa anunciar 1♠, voz construtiva mas não forcing, com algo como ♠RD10843 ♥5 ♦10854 ♣A7.

Quanto às vozes em novo naipe com salto, como (1♣)-1♥-(X)-2♠ ou 3♦, por analogia com outras situações penso que devem ser usadas para mostrar um bom naipe lateral com fit no naipe da intervenção (e força de convite ou mais). Por exemplo, com ♠107 ♥D1043 ♦ADV92 ♣76, a voz de 3♦ deixa o parceiro bem informado para decidir como actuar no seguimento do leilão (tendo além disso a vantagem adicional de uma boa indicação de saída).

6. O parceiro do abridor dá voz natural em sem trunfo.

Quando o parceiro do abridor dá voluntariamente 1ST, é de esperar que o campo do abridor detenha *pelo menos* cerca de metade dos pontos do baralho. Claro que a perspectiva ainda é pior, do ponto de vista do campo do interveniente, se a voz tiver sido 2ST.

Isto não significa que o parceiro do interveniente não possa ter uma mão razoável, e nomeadamente que não possa querer fazer uma sugestão punitiva. E, efectivamente, o significado normal de um dobre nesta situação é *punitivo*. Em todo o caso, um tal dobre

é em certa medida *especulativo* – excepto no caso de algum dos adversários ter feito um *psíquico*, que o dobre pode ajudar a desmascarar.

No entanto, repare-se que não seria descabido jogar este dobre como de *chamada*, mostrando algum jogo e comprimento nos dois naipes não falados. Por um lado, esta utilização não seria impeditiva de "agarrar" os adversários em 1ST dobrado (pois o parceiro, com uma intervenção razoável, pode facilmente *converter* o dobre). Por outro lado, e pensando bem, será bastante frequente o parceiro do interveniente ter comprimento precisamente nos dois naipes que ainda ninguém mostrou nem sugeriu.

As vozes de apoio são normais, inclusive o *cue-bid* no naipe de abertura com força pelo menos de convite (que, nesta sequência de leilão, será bastante raro). No entanto, com certas mãos fitadas, e dependendo das vulnerabilidades, poderá ser estrategicamente preferível deixar jogar 1ST em vez de mostrar o fit. (Em particular, com "três vis" no naipe do parceiro, considerar a hipótese de ele ter intervindo num bom naipe de 4 cartas).

Tendo na mão ♠RV42 ♥AR975 ♦V2 ♣84, com vulnerabilidade desfavorável, o leilão chega-nos em (1♣)-1♠-(1ST). Se ambas as vozes adversárias forem "legítimas", o parceiro entrou com um naipe mauzote e não mais de 8 ou 9 pontos. Com a vulnerabilidade indicada, não é a hipótese mais provável. O parceiro do abridor pode ter feito um psíquico "total" com uma mão fitada a paus, esperando comprar o contrato (dobrado ou não) a um nível económico, ou um semi-psíquico com algo como ♠D108 ♥86 ♦1053 ♣AV1075. Em qualquer dos casos, dobrar 1ST pode "não ser negócio" para o campo do interveniente (se o naipe de paus correr...). Na minha opinião, é preferível descrever "ingenuamente" a força da mão (e o fit) com um *cue-bid* em 2♣; não trocar +140 por +100 na miragem de um improvável +300. (Aliás não é impossível que tanto 4♠ como o 1ST adversário sejam "à prova de bala").

As vozes em novo naipe são naturais e não forcing. Quanto a 2ST – que, como voz natural, não faz qualquer sentido - pode mostrar um bicolor (5-5 ou mais) dos naipes não falados, numa mão distribucional relativamente fraca.

7. Outras situações.

Para além das situações já analisadas, há outras possibilidades de actuação por parte do parceiro do abridor, para as quais, embora menos frequentes, interessa estar preparado.

7.1. O parceiro do abridor dá uma voz artificial.

Suponhamos que o parceiro do abridor faz um *cue-bid* no naipe da intervenção. Normalmente essa voz mostra um fit no naipe do abridor e força de convite ou mais; mas, mesmo que o significado não seja exactamente esse (nomeadamente quanto à promessa de fit), mostrará sempre uma mão forte. Logicamente, será raro o parceiro do interveniente ter um bom jogo depois de uma tal sequência. O dobre deve ser usado para mostrar, muito naturalmente, que se tem uma mão de apoio ao nível "roubado" pelo *cue-bid*. Com ♠V95 ♥A4 ♦R1095 ♣10863, se o leilão chegar em (1♥)-1♠-(2♠), a única maneira de mostrar que se tem um apoio em 2♠ é dobrar o *cue-bid*. Há o inconveniente de poder estar a dar uma má indicação de saída, mas numa situação como esta não podemos estar à espera de ter 3 cartas de ás ou rei para dobrar. Com uma mão que teria dado um apoio em salto (com função de barragem), deve dar-se o apoio ao mesmo nível a que se teria falado, mesmo que agora a voz seja sem salto. Por exemplo, no exemplo anterior, trocar o ás de copas por uma quarta espada e a voz já deve ser 3♠. E, nos casos raros em que se tenha uma mão fitada forte demais para um mero apoio competitivo, o melhor é retribuir a "cortesia", fazendo também um *cue-bid* no naipe adversário (por exemplo, com ♠RV95 ♥A ♦R1095 ♣10863, dar 3♥). Se algum dos adversários estiver "a brincar", esta é a maneira de informar o nosso parceiro...

De um modo geral, se o parceiro do abridor der qualquer outra voz *artificial* em naipe (seja com salto ou não), deve seguir-se o princípio natural de que o dobre mostra "qualquer coisa" nesse naipe (por vezes como mera indicação de saída). Um caso a merecer particular menção é o do dobre de um *splinter* (quer ele tenha sido feito no naipe da intervenção, quer em novo naipe). Quando um dos adversários, num leilão a dois, anuncia um (bom) fit com um singleton em determinado naipe, pode argumentar-se que é de reduzido interesse para a defesa, *a priori*, a saída a esse naipe (que o morto já anunciou poder cortar à segunda, senão mesmo à primeira). Aliás, já houve mesmo quem sugerisse utilizar *artificialmente* o dobre de um *splinter* para dar indicação de saída ao *mais baixo* dos outros dois naipes. No entanto, tendo havido uma intervenção do nosso parceiro, o caso muda de figura. É que a indicação de uma possível entrada utilizável logo na saída, para de seguida "atravessar" o jogo do declarante, pode ser uma informação crucial para a defesa – embora o naipe dessa possível entrada, em si próprio, possa ter pouco futuro para o flanco. (Claro está que se o suposto singleton se revelar chicana as perspectivas pioram...).

Quando o *splinter* tiver sido no naipe da intervenção, a situação é semelhante à do *cue-bid* simples atrás analisada, embora o dobre tenha mais tendência a constituir uma indicação de saída. Com ♠103 ♥V97 ♦RV72 ♣D984, após (1♠)-2♥-(4♥), sendo a voz

de 4♥ descrita como *splinter*, não há razão para dobrar. Se o parceiro tiver uma saída natural no seu naipe (ARx... ou RDx...), vai fazê-la com ou sem "ajuda". Mas se tiver um teor mais perigoso (Axx..., Rxx... ou ADx...), é preferível não o influenciar na escolha da melhor saída, já que com o nosso jogo encaramos positivamente qualquer das alternativas. O facto de termos uma mão de apoio em 3♥ não nos deve levar cegamente a dobrar o *splinter*.

7.2. O parceiro do abridor dobra punitivamente.

Uma outra hipótese a considerar, embora no bridge moderno se trate de uma espécie em vias de extinção, é a de um dobre *punitivo* pelo parceiro do abridor. O uso do dobre *negativo* de uma intervenção simples tornou-se praticamente universal; no entanto, não é totalmente impossível encontrar algum par de costumes mais arreigados que ainda use o dobre punitivo, nomeadamente de uma intervenção ao nível dois. (Já agora um aviso: como os regulamentos actuais estipulam que tanto os dobres de chamada como os punitivos *não são alertáveis*, é bom princípio, quando em dúvida, inquirir sobre o significado do dobre antes de actuar, para não haver surpresas). As fugas directas em naipe são naturais, *inclusive para o naipe do abridor*. O *redobre* deve ser tipo "S.O.S.", numa mão (muito) curta no naipe de intervenção e tendencialmente bicolor nos naipes não falados - embora um tricolor não seja impossível. (Notar que, em resposta a este redobre, o *cue-bid* do naipe de abertura deve ser considerado *natural*, pois como voz forte não tem qualquer interesse, e pode ser esse o naipe do melhor fit para o campo interveniente). No caso de o parceiro do interveniente ter um bom jogo, deve *passar* e, sobre uma provável fuga do abridor, agir na volta seguinte, se adequado.